

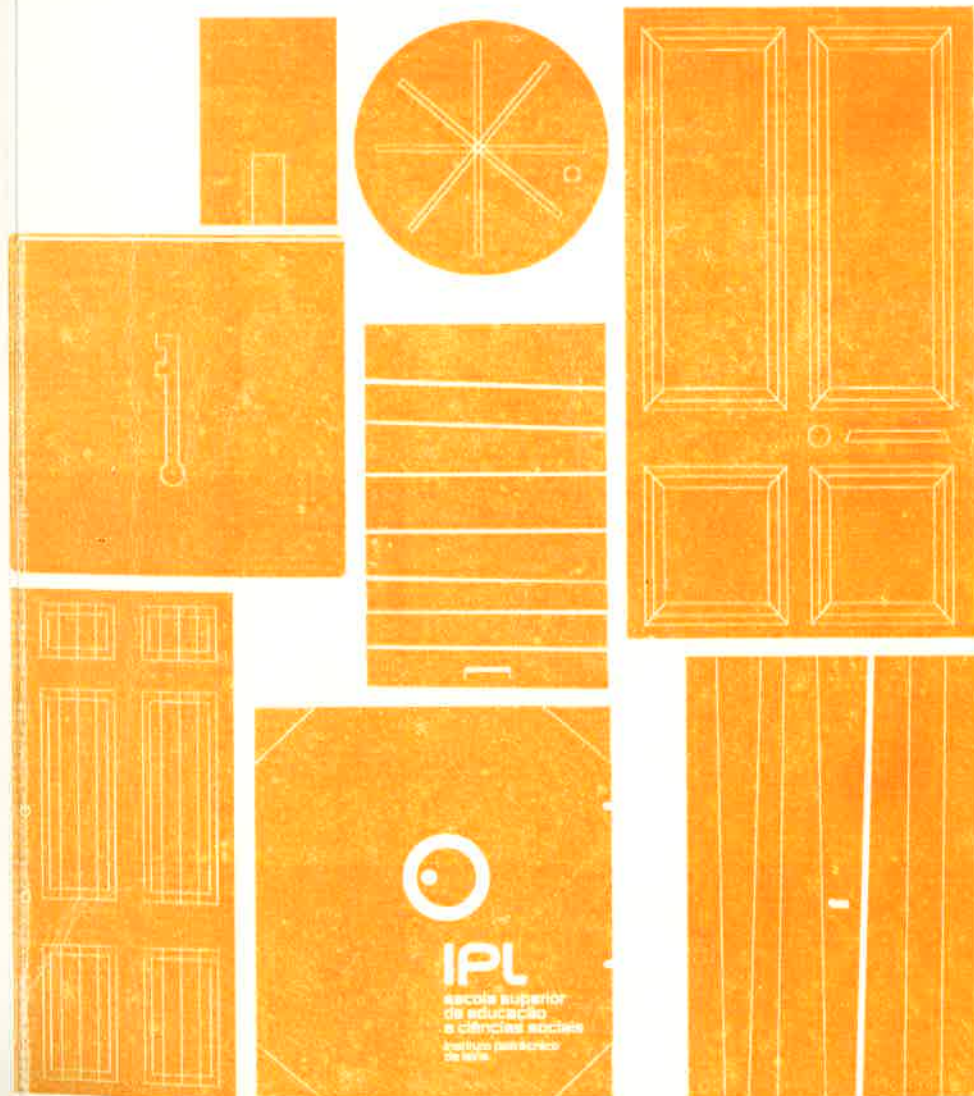
Animação Cultural *Descobrendo Caminhos*

COORDENAÇÃO

Fernando Canastra

Grça Poças Santos

Maria de São Pedro Lopes



Animação Cultural Descobrimdo Caminhos

COORDENAÇÃO
Fernando Canastra
Graça Pógas Santos
Maria de São Pedro Lopes

TÍTULO
Animação Cultural: *Descobrimdo Caminhos*

COORDENAÇÃO
Fernando Canastra
Graça Pógas Santos
Maria de São Pedro Lopes

REVISÃO
Goreti Monteiro

EDIÇÃO
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
– Instituto Politécnico de Leiria

Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação
– Instituto Politécnico de Leiria

Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s)
– Instituto Politécnico de Leiria

GRAFISMO E COMPOSIÇÃO
Leonel Brites

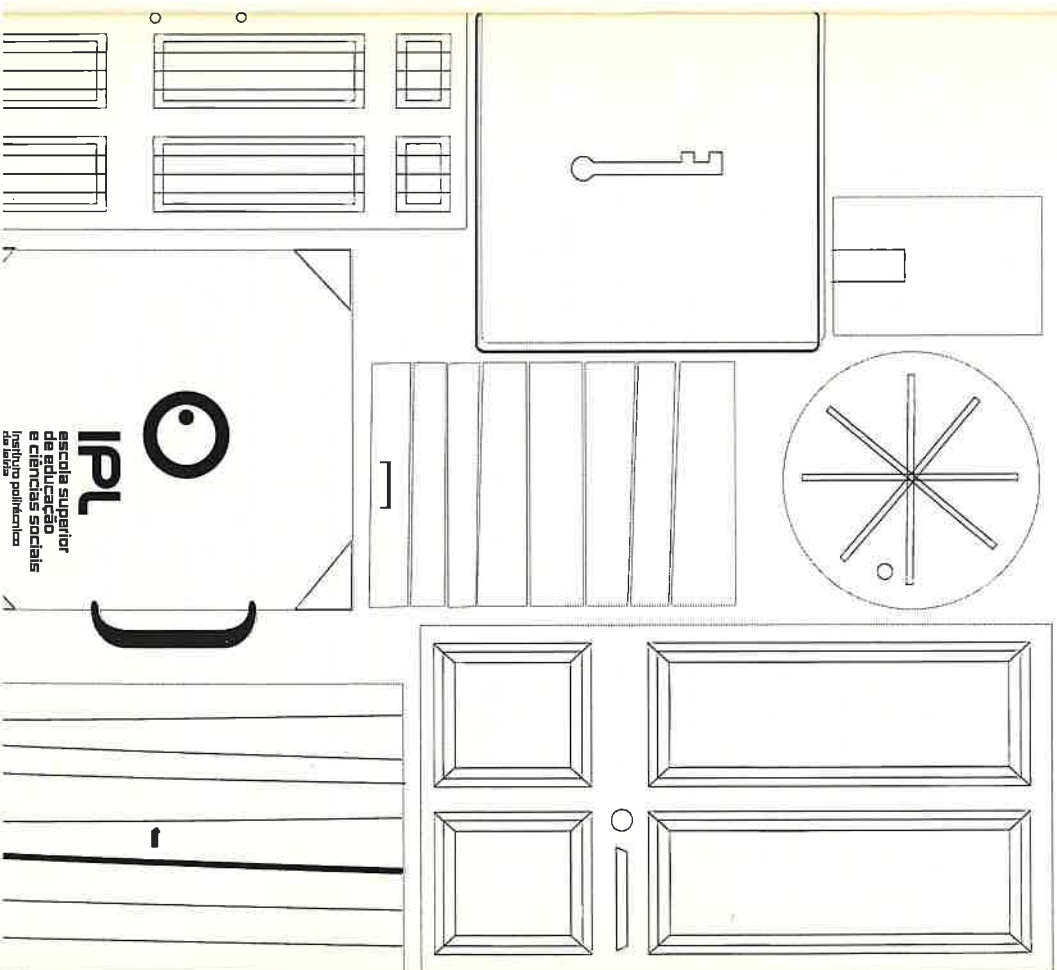
IMPRESSÃO
Várzea da Rainha Impressores · Obidos, Portugal

DEPÓSITO LEGAL
352879/12

ISBN
978-989-97836-1-4

TIRAGEM 100 exemplares
Leiria · 1.ª Edição · novembro/2012

© 2012 · Instituto Politécnico de Leiria



IPL

escola superior
de educação
e ciências sociais
instituto politécnico
de leiria

Índice

- 5 Prefácio Victor J. Ventosa
- 7 Introdução Maria de São Pedro Lopes
- 11 *A pescadinha de rabo na boca: a persistência das ideias técnicas sobre a educação e intervenção/criação artísticas* Maria do Céu de Melo
- 23 *Lamination et ses analogies. Perspectives Internationales.* Jean-Claude Gillet
- 49 *A formação do Animador no Contexto de Estágio* Jenny Gil Sousa
- 67 *Motivações e percepções da participação num projeto de valorização do envelhecer através das artes e da música – um estudo exploratório.* Sandrina Milhano
- 85 *Dos modelos de desenvolvimento local aos projetos de animação cultural: conceitos, dimensões e desafios* Domingos Santos
- 113 *Cultura como direito: Um mundo preso do outro lado do espelho* Diogo Augusto
- 125 *Animação Cultural vista por estudante em processo de autoformação* Ivo Santos
- 131 *A licenciatura em Animação Cultural e o mestrado em Animação Artística – reflexo sobre a experiência de formação de Animadores na ESE de Castelo Branco* Maria Madalena Leião e Bruno Trindade
- 150 *Da Intervenção Artística ao Museu, à Biblioteca e à Escola* Catarina Moura
- 159 *Conversas Soltas: uma experiência de Animação de Idosos* Teresa Maria Póvoa Ramos Lima
- 170 *Animação Sociocultural no Programa Escola Segura da PSP* Joaquim António Maurício Saraiva
- 180 *A Fotografia como linguagem promotora de desenvolvimento* Maria Kowalski
- 189 *Da Intervenção Artística à Investigação: uma experiência entre escolas vizinhas* Maria de São Pedro Lopes, Jenny Gil Sousa e Maria Pereira Kowalski
- 203 *Os Museus e a Animação Cultural: experiências de formação com a comunidade* Jenny Gil Sousa

Prefácio

La animación sociocultural constituye un ámbito de educación social y a la vez es un modelo de intervención socioeducativa, caracterizado por llevarse a cabo a través de una metodología participativa destinada a generar procesos autoorganizativos individuales, grupales y comunitarios, orientados al desarrollo cultural, social y educativo de sus destinatarios.

De ahí que la naturaleza y el sentido de la Animación se caracteriza por su polisemia y polivalencia que se reflejan en la misma etimología latina del concepto animación (Animus: movilizar, dinamizar, poner en relación. Anima: dar vida, dar sentido o significado).

Consecuentemente, la ASC es una estrategia orientada a la movilización (animus) de un determinado colectivo de personas con vistas a involucrarse de manera activa en el desarrollo de un proyecto sociocultural (anima).

Para ello, la animación se sirve de una serie de espacios, metodologías y recursos asociados a tres modalidades fundamentales de intervención:

Animación cultural: es aquella modalidad de animación que se centra metodológicamente en la realización de determinadas actividades artístico-culturales (teatro, música, plástica...) con el fin de desarrollar la expresión, la creatividad y la formación cultural a través de la práctica e implicación activa de sus destinatarios. Ejemplos de esta modalidad son la animación teatral, la animación a la lectura o la animación musical.

Animación Social: constituye aquella modalidad de animación (también llamada sociocomunitaria o propiamente desarrollo comunitario) centrada más en la comunidad y dirigida a la promoción asociativa y a la dinamización comunitaria de un determinado territorio (programas socioculturales de las asociaciones vecinales o barriales, así como de los Centros cívicos y equipamientos sociales y comunitarios).

Animación educativa: es aquel tipo de animación que persigue fundamentalmente la educación del y en el tiempo libre de los niños, jóvenes y también mayores, a través del juego y de las actividades recreativas en grupo. Final-

mente, la animación educativa o pedagógica se ocupa del desarrollo de la motivación para la formación permanente a través de la aplicación de métodos activos y técnicas de participación a los procesos de enseñanza-aprendizaje.

De entre estas tres modalidades de animación, son las dos últimas mencionadas (la social y la educativa) las que probablemente hayan merecido mayor atención y estudio en la literatura científica internacional sobre el tema. Por ello, resulta especialmente interesante y oportuna la presente publicación centrada en la modalidad Cultural de la Animación. Con ello, sin duda se contribuirá a equilibrar más la balanza en torno a la reflexión e investigación sobre la Animación en sus diversas vertientes y modalidades, así como a la profundización entre sus diferencias y relaciones.

Por tanto hemos de dar la bienvenida a este libro y al buen trabajo de sus autores en la confianza de que contribuirá a perfilar más y mejor las características de la Animación Cultural como una de las modalidades con más posibilidades y perspectivas de futuro en el ámbito de la Animación, sin olvidar, no obstante, que en última instancia, estas tres vertientes de la animación, más que modalidades estancas, constituyen dimensiones presentes - en mayor o menor grado- en todo tipo de Animación que en realidad tiene lo educativo como finalidad, lo social como ámbito y lo cultural como medio de intervención.

Prof. Dr. Víctor J. Ventosa

Presidente de la red Iberoamericana de Animación Sociocultural

Profesor de la Universidad P. de Salamanca.

Salamanca (España) a 28 de mayo de 2012

Introdução

Os textos aqui apresentados são o resultado do envolvimento dos nossos estudantes e docentes na organização de vários Seminários e Encontros, onde os diversos autores convidados partilharam conosco aspetos e experiências relacionados com o amplo campo da Animação Cultural. Refletem, também, o envolvimento de alguns dos nossos docentes em projetos de formação e de investigação na área.

A Licenciatura em Animação Cultural da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria teve o seu início no ano letivo de 2007/08. Antes desta data, contudo, já existia neste mesmo instituto, mas na *esav/Escola Superior de Artes e Design*, nas *Caldas da Rainha*. Foi nela que o curso foi concebido e implementado durante os seus primeiros anos de existência.

Em 2007/08, decorrente da reorganização da oferta formativa do IPL, esta licenciatura foi mudada para a *esecs*. É sobre este momento que, com o intuito de ajudar à contextualização deste trabalho, partilharemos conosco, resumidamente, as linhas que nortearam esta experiência de formação.

Durante os primeiros 3 anos funcionámos com o mesmo Plano de Estudos que nos chegou da *esav*, que tinha como preocupação primeira a formação na área da programação, da produção e da gestão de eventos culturais.

Contudo, cedo nos começámos a aperceber que uma parte significativa dos nossos estudantes da *esecs* se interessava também pela área da intervenção direta com públicos diversificados.

Esta constatação levou-nos à promoção de várias reuniões com professores e estudantes com o objetivo de refletirmos sobre quais os perfis a privilegiar na formação de animadores culturais. Chegámos, desta forma, à elaboração de 3 perfis que se transformaram em princípios norteadores desta formação e que poderiam também clarificar os estudantes sobre os âmbitos e os papéis onde um animador cultural poderia atuar e como atuar.

Os dois primeiros perfis são:

- *O Animador Cultural organiza, gere e produz projetos e iniciativas culturais;*
- *O Animador Cultural intervm e desencadeia processos participativos, críticos, reflexivos e criativos, usando as linguagens artísticas, em âmbitos alargados da educação e do desenvolvimento;*

No que diz respeito a estes, pensamos que, um bom organizador e gestor de projetos culturais deverá ser um conhecedor profundo dos processos de envolvimento das populações/comunidades na criação de cultura. Um sem o outro seria um profissional que adotaria uma postura 'externa' face aos valores, práticas e expectativas das pessoas com quem trabalharia, podendo mesmo gerar experiências pouco próximas e pouco gratificantes. E, para a concretização desse princípio, também deveria ser, no nosso entender, um conhecedor de diferentes estratégias e de linguagens despoletadoras da criatividade. Por isso, a ênfase nas linguagens artísticas como ferramentas da animação foi acarinhada desde o primeiro momento que o curso chegou à esecs. Assim, os nossos futuros animadores têm formação em Linguagem Multimédia, Musical, Teatral, Plástica, Dança e Escrita Criativa.

Quanto ao último perfil — 3. *O Animador Cultural investiga a sua prática produzindo conhecimento*, tentamos envolver os estudantes, ao longo da sua formação, em pequenos projetos com a comunidade, a fim de poderem refletir a partir de situações concretas. Contudo, é no momento de Estágio que se consubstancia a maior experiência dos formandos relacionada com a investigação.

Antes de iniciarem o seu trabalho de estágio, cada estudante tem de construir um Projeto de Intervenção de acordo com as necessidades da instituição escolhida e em colaboração com a mesma. No período de Estágio terá, então, de implementar esse projeto, inspirado na metodologia de investigação-ação, e de refletir sobre ele de acordo com os processos usados num qualquer projeto de investigação (definição do problema, perguntas, definição de instrumentos de recolha de dados e sua análise e a apresentação de conclusões).

É nossa esperança que o estágio, onde os estudantes têm obrigatoriamente de implementar um projeto, não seja apenas um espaço de mera reprodução de práticas já existentes, mas antes um espaço de inovação e de reflexão colaborativa.

No ano letivo de 2009-2010 terminaram o 1º ciclo de formação os primeiros Animadores Culturais da esecs. Decorrente da reflexão sobre essa experiência, no ano letivo de 2010-2011 foi implementado um novo Plano de Estudos que apresenta novas unidades curriculares como a Psicologia, Pedagogia Comunitária, Métodos e Técnicas de Investigação e Projeto de Estágio. Pensamos que elas complementarão, desta forma, a formação preconizada nos 3 perfis anteriormente anunciados...

Os testemunhos aqui compilados foram organizados em duas partes. A primeira parte remete-nos para um conjunto de textos de natureza mais teórica, onde são abordadas questões que vão desde as perspetivas internacionais da animação, às ideias tácticas sobre intervenção artística, à formação de animadores, à cultura como direito e a projetos de música com idosos e de desenvolvimento local. A segunda prende-se com experiências realizadas, que vão desde a fotografia em Moçambique, à intervenção artística em museus e em escolas, à animação no Programa Escola Segura da PSP e à animação de idosos.

É nosso desejo que este livro possa contribuir para a divulgação de textos que sirvam de apoio a profissionais em exercício e a estudantes de Animação Cultural em formação, uma vez que a bibliografia em português nesta área não é das mais abundantes.

Esperamos também que, ao organizar estes textos e ao partilhá-los com um público mais alargado, estejamos a contribuir para a discussão de ideias, de experiências, de investigação na área e, deste modo, inspirar, alimentar e ampliar uma reflexão prospetivada para os desafios futuros.

Maria de São Pedro Lopes

Leiria, janeiro de 2012

Referências Bibliográficas

- Ander-Egg, E. (2000). *Metodologia y practica de la animación sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.
- Badesa, S. (1999). "El animador sociocultural. Características, funciones, tareas y formación", in Badesa, S.; Ara, P. e Martín, M. (Coord.), *Génesis y sentido actual de la animación sociocultural*. Madrid: Sanz y Torres.
- Badesa, S. e Ara, P. (1999). "Valores que promueve la Animación Sociocultural", in Badesa, S.; Ara, P. e Martín, M. (Coord.), *Génesis y sentido actual de la animación sociocultural*. Madrid: Sanz y Torres.
- Cerdá, R., Cerdá, P. e Cerdá, M. (2006). *Animación Cultural – Servicios socioculturales y a la comunidad*. Barcelona: Editorial Alamar.
- Gómez, J. (2007). "Por uma animação democrática numa democracia animada: Sobre os velhos e os novos desafios da animação sociocultural como prática participativa" in Peres, A. e Lopes, M. (Coord.), *Animación Sociocultural – Nuevos desafíos*. Amarante: Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia.
- Peres, A. (2007). "Animação, direitos humanos, democracia e participação", in Peres, A. e Lopes, M. (Coord.), *Animación Sociocultural – Nuevos desafíos*. Amarante: Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia.
- Perrenoud, P. (2002). *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor*. Porto Alegre: Artmed.
- Quintas, S. e Castaño, M. (1998). *Animación sociocultural – Nuevos enfoques*. 3ª edição. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Serrano, G. (2004). "Metodologias de investigação em animação sociocultural", in Trilla, J. (Coord.), *Animación sociocultural – Teorias, programas e âmbitos*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Trilla, J. (2004). "Conceito, exame e universo da animação sociocultural", in Trilla, J. (Coord.) *Animación sociocultural – Teorias, programas e âmbitos*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

Motivações e perceções da participação num projeto de valorização do envelhecer através das artes e da música – um estudo exploratório.

Sandrina Milhano

Centro de Investigação Identidades e Diversidades (CIID) / IPL
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto
Politécnico de Leiria
smilhano@esescs.iplleiria.pt

Resumo

Este texto procura apresentar os dados de um estudo exploratório sobre as motivações e perceções de uma população sénior participante num projeto de valorização do envelhecer. O projeto tem como principal objetivo estimular o envolvimento e a ação de uma população sénior, capaz e em crescimento, dentro da sociedade civil através das artes e da música. O espaço de ação desenvolve-se no domínio de uma organização cultural do terceiro setor e adota como forma de intervenção a "animação sociocultural". Para estabelecer os elementos mais determinantes da participação dos seniores no projeto, foi desenvolvido um pequeno questionário. Dos participantes no estudo (N=48), 97,91% são aposentados, 79,16% do género feminino, 29,16% vivem sozinhos, e a média das suas idades situa-se entre os 61 e 70 anos. Os resultados acerca da importância da sua participação nas atividades do projeto e da existência de oportunidades de aprendizagem musical contextualizadas situaram-se nas categorias mais elevadas. Não foram encontradas correlações significativas entre a participação passada em atividades musicais e artísticas e o grau de importância atribuído à participação e aprendizagem da música e das artes na idade sénior. Os resultados apontam para uma partici-

pação assente em motivações de ordem essencialmente intrínseca associadas ao significado individual da música e das artes; motivações de ordem social, dentro das quais a necessidade de momentos de convívio, de comunicação, de interação em grupo e de ocupação dos tempos livres; e motivações de ordem cognitiva, envolvendo a importância da aprendizagem ao longo da vida e a necessidade de estimular a memória e a atenção através de desafios mentais estimulantes. Neste texto pretende-se, por um lado, partilhar perspetivas geradas pela experiência e pela investigação sobre o papel que a música e as artes podem ter na vida dos mais velhos e, por outro, contribuir para a reflexão sobre dinâmicas e modelos de mediação e organização socio-cultural no âmbito da música e das artes.

Palavras-chave Música; artes; animação sociocultural; seniores.

Introdução

Neste texto, procura-se apresentar os dados de um estudo exploratório sobre as motivações e percepções de uma população sénior participante num projeto de valorização do envelhecer. Importa em primeiro lugar, explicitar que, quando nos referimos à população sénior e madura, ela representa já uma grande percentagem da população portuguesa e que esta percentagem tende a crescer. Numa primeira abordagem às motivações e percepções dos seniores a respeito da sua participação num projeto de valorização do envelhecer através das artes e da música, interessa examinar, ainda que resumidamente por estar para além do alcance do nosso objetivo aqui, as diversas alterações que tendem a afetar o significado, a perspetiva e a qualidade de vida desta população. De seguida, sugerimos uma incursão pelos saberes e perspetivas proporcionados pelo encontro de diferentes disciplinas – musicologia, psicologia da música, neuromusicologia, sociologia da música, educação, e animação sociocultural, que espero possam colaborar para informar e clarificar algumas das considerações sobre o papel que as artes podem desempenhar na vida das pessoas e, neste âmbito em particular, iremos centrar-nos no papel que a música tem tido e pode ter na vida dos mais velhos. Iremos fundamentar quais foram, e ainda são, os principais pressupostos do projeto de animação sociocultural em foco, apresentar os resultados do estudo e, por fim, procuraremos contribuir para a reflexão sobre dinâmicas e modelos de mediação e organização no desenvolvimento cultural e na participação social.

O contexto – valorização do envelhecer?

Quando nos referimos à caracterização da população sénior, referimo-nos a uma parte substancial da população sujeita a um conjunto importante de alterações, alterações estas, não apenas fisiológicas, mentais e psicológicas, mas também sociais. Entre os efeitos do envelhecimento que mais afetam esta população, encontram-se, a título exemplificativo, o declínio da memória, a agilidade mental e a capacidade para tomar certas decisões. Outras modificações, tais como alterações na sua situação profissional e nas suas relações familiares, têm implicações já muito difundidas e que envolvem, muitas vezes, reestruturações e reorganizações de todo um percurso até então construído e a capacidade de renovação das suas redes sociais e pessoais. Muitas vezes, os seniores encontram-se sós, sem terem redes de apoio nas quais possam confiar ou sem terem redes de suporte e compreensão suficientes e adequados que os ajude a superar alguns períodos mais complicados das suas vidas. Estas transformações a que nos referimos têm sido consideradas como potencialmente causadoras de impactos nas suas vidas, e Sluzki (1997) considera que estas têm também consequências importantes nos parâmetros associados à saúde.

Embora a solidão atinja mais fortemente os idosos, sabemos não se tratar de uma experiência exclusiva deste grupo. Importa, no entanto, realçar neste âmbito a componente psicológica inerente aos fenómenos atrás referidos e outros igualmente cada vez mais presentes nas sociedades modernas e urbanas. Verificamos hoje que grande parte das nossas famílias tende a ter cada vez menos filhos, antecipando fortemente, não só a sensação de ninho vazio (particularmente a partir dos 55 anos em média e com forte incidência no género feminino) – sensação esta que também se verifica aquando da ida dos filhos para a universidade – como também as depressões e a falta de vontade de fazer e construir. Este é o fenómeno presente. Os níveis oficiais de depressão mostram o resultado que esse isolamento pode ter a longo prazo na população, quer em termos de bem-estar psicológico, quer em termos do bem-estar emocional das populações: no ano 2020, a depressão será o segundo problema de saúde mais comum no mundo. No futuro, com a dispersão das populações, a desintegração de famílias e o aumento dos hiatos entre gerações, teremos possivelmente que acrescentar outros fenómenos psíquicos e sociais que poderão contextualizar, conjuntamente, um enfraquecimento biológico. Fenómenos como estes podem contribuir para acelerar para antes dos 60 anos a entrada, não na 3ª idade, mas na 4ª idade (antecipando a dependência do sistema de segurança social e de saúde portuguesas). Surge o

acelerar do envelhecer da mente, qual músculo desportista que fica flácido sem treino adequado.

É neste contexto, um pouco intimidador mas certamente realista, que se torna incontornável responder a estas configurações sociais que estão inerentes ao crescimento de uma população sénior, ainda capaz e em busca de novos desafios e de novos estímulos intelectuais, em busca de momentos de interação social, de aprendizagem e de envolvimento cultural e de lazer (Milhano, 2010c). Neste sentido, e como refere Myers (1993), um dos desafios das sociedades atuais, é o de desenvolver atividades e projetos para as pessoas seniores poderem encontrar novos sentidos de significado e de perspectiva, procurando fortalecer atitudes de decisão e de autonomia. Talvez, assim, seja possível prolongar um pouco mais o período denominado a *nova terceira idade*.

Como referem Leão e Flusser (2007), “o isolamento social retira os idosos dos círculos de linguagem significativa, o que pode levar o sistema de consciência a danos significativos, pois os processos de comunicação conferem o tónus afetivo e a qualidade da atividade simpática e parassimpática [...] e tem implicações diretas para com a saúde e a prevenção ou agravamento de doenças.” A respeito de um projeto desenvolvido em instituições de saúde sobre a preservação da linguagem nos idosos, estes dois investigadores salientam como o processo de envolvimento destes idosos em processos efetivos de comunicação através da música, tornaram mais “profícuo e promissor” o necessário e já alicergado diálogo entre a Cultura e a Saúde.

Já vão sendo cada vez mais difundidos por todo o mundo os resultados de projetos alicergados nas artes, cuja tónica se centra na integração e no envolvimento pró-ativo dos seniores em processos que se revelam profícuos quer na manutenção, quer no alcance de um estado de bem-estar físico, mental e social tornando-se, por isso, desejáveis. “An individual’s perceived quality of life can be considered a function of the interaction of four domains: physical well-being, psychological well-being, environment, and social relationships” (Coffman, 2002). Esta interação a que refere Coffman tem por finalidade estimular e criar desafios que façam os seniores sentir-se úteis, capazes, ativos, motivados e autónomos, com objetivos individuais e coletivos nas suas vidas, podendo construir-se, como referem Neri e Cacione (1999), elementos essenciais no contexto de um envelhecimento bem-sucedido. Estes desafios podem contribuir para que se possa adiar, reduzir ou até eliminar o período subsequente representado pelo declínio e pela dependência, hoje características apresentadas pela chamada quarta idade

que atrás referimos. Podem possibilitar aos seniores oportunidades para que possam continuar a controlar suas próprias vidas e ficar por mais tempo nas suas próprias comunidades (Victor, Scambler, Bond, Bowling, Being (2000), retardando a eventual necessidade de institucionalização.

Com a existência de novas ferramentas de estudo, particularmente no campo das neurociências cognitivas, torna-se possível compreender melhor os impactos de diferentes atividades na reabilitação sensorial, cognitiva e motora da população sénior e não só (Milhano, 2009). É, por isso, crescente o consenso de que determinadas atividades concorrem para o retardar de alguns destes efeitos do envelhecimento. Por estes motivos, é hoje considerada fundamental a existência de diferentes formas de sociabilidade e de novos modelos de intervenção locais, potencialmente promotores de oportunidades de participação em desafios que permitam, não somente a manutenção, mas também o desenvolvimento de níveis ótimos de funcionamento físico, mental e social assim como de desempenho desta população, elementos que revestem o termo Qualidade de Vida (Bowling, 2001).

Música – ligações improváveis no bem-estar da população sénior?

Durante muito tempo, alguns especialistas defenderam que a música e as artes são elementos decorativos que vivem de forma parasita nas franjas da natureza humana. Com o deambular do século XXI, no entanto, e centrando-nos agora particularmente no caso da música, investigadores têm vindo a demonstrar que esta arte constitui uma paixão da essência humana e que é mais fundamental para a nossa existência do que pensamos à partida pensar (TrevARTHEN, 2002, Patel, 2006, 2008). Acrescenta-se, ainda, que todos estamos musicalmente mais equipados do que pensamos, pois os nossos cérebros estão dotados para a música (Pascual-Leone, 2003).

Citando Levitin (2007: 14), de todas as atividades humanas, a música é vulgar quer pela sua *ubiquidade* quer pela sua *antiguidade*. Daniel Levitin é neurocientista e dirige o Laboratório para a Perceção e Perícia Musicais da Universidade de McGill, onde é professor catedrático de Psicologia da Comunicação Eletrónica. Levitin refere que não se conhece nem há registos na história de uma cultura humana em que não existisse música ou música associada ao movimento, ao ritmo e ao corpo. Sempre que as pessoas se encontram, a música está presente: nos casamentos, festas, rituais, festas de fim de curso, marchas de soldados, revoluções, eventos desportivos, saídas à noite, mães a embalar os filhos, no elevador, centros comerciais e, ainda, a música associada aos movimentos sociais, políticos, religiosos, etc. Natural-

mente que não se pretende aqui traçar a história da antropologia da música, mas argumentar que esta arte fez e ainda faz parte da nossa vida quotidiana (Hargreaves & North, 1999).

Se recuarmos alguns anos, vemos que, já em 1973, o antropólogo John Blacking referia que a música é mais uma característica geral da espécie humana do que um talento, pois é um comportamento ou uma característica que está universalmente difundida pelos membros da nossa espécie. A esta questão, poderíamos ainda acrescentar aquela referente à génese do conhecimento (musical) que influenciou naturalmente o debate sobre a natureza da aptidão musical e do talento. Durante muitos anos, este debate dividiu os pensadores entre aqueles que acreditavam na origem inata do mesmo e os que criam através da experiência e da aprendizagem. Para uma abordagem a estas questões sugere-se o estudo desenvolvido por Milhano e Laborda (2001).

Hoje, pensamos que cada ser humano tem uma garantia quer biológica quer social de musicalidade (eg. Trevarthen, 1999, 2002, Papoušek, 1996, Trehub, 2006, Schellenberg, Trehub and Hill, 1997). Ciando, a este propósito, ainda que muito resumidamente, o trabalho desenvolvido pelo neurocientista Oliver Sacks (2007), membro da Academia das Artes e Letras Americanas e professor na Columbia University, esta *musicofilia* é universal – ou seja, todos temos a capacidade cognitiva de detetar notas erradas, de encontrar música de que gostamos, de recordar centenas de melodias e de bater o pé ao ritmo de uma música – que é uma atividade que envolve um processo complicado de extração da métrica. Como Sacks também explica, hoje temos capacidades distintas de compreender a música que escutam, ouvimos ou criamos, pois naturalmente, os cérebros evoluíram e a música que com eles fazemos e que queremos ouvir, também se alterou.

Retrocedendo agora (apenas) 500 anos observamos, através de um olhar sobre a história da música, que foi por essa altura que floresceu a distinção que dividiu a sociedade musical entre dois grupos: o dos intérpretes musicais e o dos ouvintes. No entanto, esta distinção nem sempre existiu. Sabemos, por exemplo, que durante grande parte da evolução humana, a atividade de composição musical hoje tida como território de uma classe bastante reduzida foi uma atividade em que todos participavam – era na altura tão natural como respirar e andar. Similarmente, os espaços culturais dedicados à audição e à interpretação musicais surgiram apenas nesses últimos séculos.

A propósito da criação coletiva de música temos, ao longo da nossa história mesmo recente, vários exemplos nos quais esta arte foi - e ainda é - utilizada para promover sentimentos de grupo e de pertença, afinidades, ideias,

sincronização, mas também um importante elemento de criação de uma identidade coletiva, incentivando a coesão social (North & Hargreaves, 1997, 2008). Pode ter sido e pode ainda ser, por exemplo, um trino para determinadas atividades sociais que impliquem comportamentos interativos. Um dos argumentos que podemos mencionar neste contexto refere-se ao modo como as preferências musicais se podem transformar não somente numa marca de identidade pessoal mas também numa marca da identidade de um grupo e, logo, de distinção entre esses grupos. E vemos isso nos jovens depois dos 10 anos e, particularmente, na adolescência quando se revem em determinados géneros e tipologias musicais e se identificam com toda a cultura subjacente a essas preferências (Hargreaves, Miell & MacDonald, 2002, Pacheco & Milhano, 2007, Milhano, 2010d). Como refere Sacks (2007), as pessoas precisam de ligações sociais para fazer a sociedade funcionar e a música é, sem dúvida, uma delas.

A investigação tem similarmente demonstrado que a participação em atividades musicais – audição, interpretação e criação - podem influenciar a percepção dos mais velhos acerca da qualidade das suas vidas. Alguns estudos examinaram, por exemplo, os efeitos da audição musical em marcadores biológicos e na percepção subjetiva do seu bem-estar. Outros estudos ainda, agora desenvolvidos no âmbito dos benefícios sociais e psicológicos associados à prática de atividades musicais, demonstraram que os participantes conferem, muitas vezes, à prática dessas atividades um valor considerável aos benefícios ‘extramusicais’.

Acompanhando esta mudança de paradigma não apenas centrado na extensão da quantidade de vida dos seniores, mas também na sua qualidade, os investigadores da área da música começaram a desenvolver uma série de novos estudos e a reportar dados sobre o modo como os seniores apreciam uma variedade de experiências de participação e prática musicais (Coffman, 2002). De entre estes estudos, destacam-se aqueles que incluem a participação dos mais velhos em grupos corais (Darrow, Johnson, e Ollenberger, 1994; Frigo, 1995), em orquestras de sopro (Coffman e Levy, 1997; Ernest e Emmons, 1992), em clubes de piano (Conda, 1997), e ainda estudos no domínio da musicoterapia (Palmer, 1989; Senare Hearings, 1992).

Alguns investigadores realizaram extensos questionários para explorar as relações entre a participação ativa em atividades musicais e alguns indicadores da qualidade de vida (Cliff e Hancock, 2001). Coffman e Adamek (1999), por exemplo, inquiriram 52 seniores membros de uma banda de sopros. Descobriram que as interações sociais, a sensação de conquista, a sen-

sação de realização e de bem-estar pessoais assim como de enriquecimento das suas atividades recreativas, foram os principais fatores mencionados na caracterização da qualidade de vida desta população. Não só o desejo de participar na atividade de prática musical – que neste caso consistia em tocar um instrumento musical – como também uma vontade de socialização constituiu os principais elementos motivadores da participação destes seniores nessa banda musical. Muitos participantes nesse estudo consideraram ainda que tocar era ‘muito importante’ ou ‘essencial’ para a sua qualidade de vida, classificando estas atividades tão importantes quanto as suas relações familiares e a sua saúde.

Um estudo desenvolvido nos Estados Unidos denominado «Music Making and Wellness Project» demonstrou e reforçou esta noção de que a participação dos seniores, especificamente em aulas de piano, (atividade bastante estudada noutros projetos de investigação posteriores ao famoso “Efeito Mozart”), reduz, através da estimulação do sistema imunitário, os valores dos três fatores críticos associados, neste caso, ao stress: a ansiedade, a depressão e a solidão (AMC, 2007). Este estudo foi efetuado por uma equipa multidisciplinar cujos resultados foram apresentados por Frederick Tims no simpósio *Music Medicine: Enhancing Health Through Music* e que permitiu acompanhar o desenvolvimento de várias medidas de saúde num total de 130 pessoas. Foram também verificadas outras alterações importantes produzidas pela prática de piano nas três áreas subjacentes aos parâmetros de qualidade de vida nos seniores: os valores de ansiedade medidos a partir do teste MHI apenas baixaram para o grupo com aulas de piano, mantendo-se estáveis após 20 semanas. Os decréscimos nos valores da ansiedade estão relacionados com melhorias no desempenho cognitivo, na aprendizagem, na tomada de decisões e na sensação de bem-estar. No teste POMS, mediram-se os valores da depressão que apenas diminuíram no grupo de seniores com aulas de piano. Estas medidas são consideradas como tendo implicações em vários aspetos da vida e no apoio social, constituindo um dos principais problemas no envelhecimento. Os valores registados na escala de solidão (*UCLA Loneliness Scale*) foram decrescendo à medida que iam decorrendo as aulas de piano, e apenas para este grupo. Este indicador revela que os seniores praticantes de piano foram alterando a sua perceção interna de solidão, a sua sensação de estar só. Um facto interessante é o do não registo de alterações nos resultados do teste *Libben Social Support* que mede o apoio externo dado, nomeadamente, pela família ou por outras pessoas. Em síntese, estes estudos comprovaram que a alteração verificada nos valores re-

ferentes à sensação interna de solidão se deveu essencialmente à participação dos seniores nas aulas de piano, o que provocou melhorias na sua saúde e na sua sensação de bem-estar.

Alguns dos estudos mais marcantes sobre a prática musical são aqueles desenvolvidos na Europa, nomeadamente por Bangerter, Altenmüller (2003), Schellenberg (2003), Gaser e Schlaug (2003), Cohen *et al.*, (2006). Estes investigadores demonstraram que a atividade de interpretação musical (fazer música, tocar e cantar) está ligada ao desenvolvimento de processos de estimulação integrada dos sentidos, da atenção, da memória e das capacidades cognitivas. Destas atividades de interpretação musical, destacaram também a prática do piano pela sua complexidade inerente, designadamente na necessidade de coordenação das mãos em simultâneo e na confluência dos aspetos melódicos, harmónicos e rítmicos. Comprovaram igualmente que a prática desta atividade contribui para a reabilitação de aspetos da coordenação motora e neurosensorial bem como para o aumento da sensação de relaxamento e de bem-estar emocional, aliado à diminuição da ansiedade, da depressão e da perceção da solidão.

Considera-se que a prática musical, e não apenas a mera ação de escuta passiva da música, condiciona o cérebro na execução de tarefas similares àquelas que desempenha na resolução, por exemplo, de problemas matemáticos, como é o caso do resultado das relações espaciais entre a representação visual e linear e as alturas de som (frequências) presentes quando se interpreta música. Estudos demonstraram que as atividades de audição, mas em particular as atividades ligadas à interpretação e composição da música, são aquelas que envolvem mais áreas do cérebro, quase todos os subsistemas neuronais (Thaut, 2007).

Refletimos, até este ponto, sobre o modo como a música se pode constituir num veículo para a criação de vínculos sociais e para a coesão social. Apresentámos igualmente outras perspetivas que nos permitem compreender melhor os impactos que as atividades musicais podem desempenhar na vida das pessoas e, neste contexto, na vida dos seniores. Estes impactos foram enunciados pela referência a uma série de estudos, dos quais referimos aqui apenas uma breve seleção. Tivemos oportunidade de salientar também como o deambular do século XXI nos trouxe ferramentas tecnológicas que, em tempo real e tridimensional, têm permitido à neurociência descobrir um pouco mais sobre como funciona o cérebro humano na sua relação com a música. A análise destes novos paradigmas não só sociais mas também científicos emergem e a música faz, cada vez mais, parte integrante dessa mudança.

O projeto – Conservatório Sénior

O estudo exploratório que se apresenta a respeito das motivações e percepções de uma população sénior, participante num projeto de valorização do envelhecer através da música e das artes incide sobre um projeto criado em 2007 e denominado Conservatório Sénior. Este projeto foi concebido pela autora durante a sua atividade como consultora científica e pedagógica da instituição Orfeão de Leiria/Conservatório de Artes. O projeto tem como principal objetivo estimular o envolvimento e a ação de uma população sénior, capaz e em crescimento, dentro da sociedade civil através das artes e da música (Milhano, 2008, 2009a, 2010d).

Através do Conservatório Sénior procurou-se criar oportunidades nas quais as pessoas, adultos com mais de 55 anos, encontrassem um outro sentido de significado e de perspetiva, fortalecendo atitudes de decisão e de autonomia, integrando-se e envolvendo-se de forma pró-ativa num processo profíctico de manutenção ou alcance de um estado de bem-estar físico, mental e social. Através da prática musical, procurou-se propor diariamente novos desafios que permitissem aos seus ‘protagonistas’ usufruírem por mais tempo das tais características próprias da terceira idade, procurando-se contribuir para adiar e reduzir o período subsequente, representado pelo declínio e pela dependência, hoje características abraçadas pela chamada quarta idade, referidas no início deste capítulo.

A nova valência então criada – Conservatório Sénior do Orfeão de Leiria – foi concebida para uma organização cultural do terceiro setor de modo a tornar-se numa nova forma de intervenção específica e de sociabilidade. Esta nova dinâmica permitiu o envolvimento e a ação dos seniores dentro da sociedade civil através das artes. O conservatório Sénior conta atualmente com cerca de centena e meia de participantes, considerados os ‘protagonistas’ deste projeto. Nesta valência, procura-se estimular a participação ativa e efetiva dos seniores em atividades de cariz artístico, cultural, formativo e social. As atividades propostas envolvem, essencialmente, processos dinâmicos de aprendizagem auto-crítica, contextualizados e ajustados à população sénior e, eminentemente, centrados na prática musical cuja sustentabilidade assenta na fundamentação atrás apresentada. Neste projeto, para além da música, os seniores são envolvidos numa série de propostas associadas à dança, ao movimento, ao teatro, e à utilização de soluções tecnológicas para a prática e aprendizagem musical (eg. seniores@piano, Milhano, 2010b).

Através do Conservatório Sénior foi possível conceber um novo espaço de ação sociocultural, sustentado e fundamentado sobre o impacto da música

e da sua prática. Como nos diz Jean-Claude Gillet (esta obra), a Animação sociocultural “Elle part des potentialités créatives et des ressources des individus”. E acrescenta:

L'animation peut être une démarche de mise en tension créatrice d'une pratique et d'une théorie pour comprendre les pratiques, les améliorer, les régénérer. L'activité d'animation contient à cette condition une visée formative, dans une direction, un sens, et, à ce titre, reste un enjeu pour les pouvoirs (économiques, sociaux, culturels).

É neste contexto que o Conservatório Sénior se constituiu como um projeto educativo e formativo, centrado na participação, criação e valorização artística e cultural. A criação de um espaço de atividades artísticas em contexto de animação sociocultural pretendeu colaborar num projeto social e de saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos seniores assim como profíxia para a solidão e para o isolamento social. Permitiu proporcionar também um maior contacto entre as diferentes gerações, possibilitando aos seniores que enfrentam o isolamento voltar a entrar em contacto com outros e reconhecer de novo o seu próprio valor. Citando Jean-Claude Gillet, agora na sua obra de 2008,

L'animation vise à réaliser une action réfléchie, c'est à dire une praxis pédagogique qui, à partir d'activités sociales, éducatives ou culturelles liées à un espace institutionnel ou à un territoire géographique, recherche, certes de façon modeste, mais bien réelle, l'approfondissement et l'élargissement d'une démocratie émancipatrice en utilisant les réseaux pertinents et l'intelligence stratégique de l'animateur professionnel : celui-ci cherche à faciliter et permettre de développer la participation individuelle et collective (en priorité pour ceux qui ont été écartés du pouvoir et du savoir) pour la construction permanente d'une société plus solidaire entre tous et plus épanouissante pour chacun.

Esta reflexão pretende também enunciar, por um lado, as inúmeras possibilidades de parcerias que configurem estas novas dinâmicas no desenvolvimento cultural e na participação social e, por outro, convocar a perspetiva democratizadora da arte. No entanto, não se trata ‘apenas’ de encaminhar os nossos ‘protagonistas’ neste projeto através do processo de democracia cultural para as estratégias da animação sociocultural, transformando estas, como refere Patrícia Stokoe, citada por Ander-Egg (1991:222), em formas de educação pela arte que tendem a promover certas qualidades humanas como “o desenvolvimento da sensibilidade, da capacidade de expressão, investigar, experimentar e transformar.”

Trata-se conjuntamente de elevar o nível de relação com a música, com a cultura e com as artes privilegiadas neste projeto. Trata-se de uma relação que vai muito além da mera contemplação, da escuta passiva, da sensação, da ocupação do tempo ou de um fruir estético reformado e conformado, muitas vezes aliado a uma receção mais ou menos passiva da relação com a música e com as artes. A tónica distintiva no Conservatório Sénior reside no envolvimento através de um nível de participação assente na articulação dos vários interesses pessoais e coletivos e que, por isso, tem permitido a aquisição e a partilha de conhecimentos e saberes, e a valorização da experiência criativa, crítica, reflexiva e real de todos e de cada um (Milhano, 2009a,b, 2010a). Julgamos que a acentuação da importância da aplicação e da valorização das suas capacidades, dos seus desempenhos associados ao fazer, ao tocar, ao cantar, ao interpretar, ao experimentar, ao expressar, ao sentir, permite incorporar, junto dos seniores, um conjunto de disposições intelectuais, criativas e sociais que acreditamos podem ser mais duráveis e sustentáveis (Milhano, 2008, 2009).

O estudo

Os resultados que se apresentaram enquadraram-se num estudo mais vasto que tem como principal objetivo averiguar quais os efeitos da participação dos seniores em vários parâmetros da sua qualidade de vida. Os dados do presente estudo foram recolhidos no final do ano letivo 2009/2010 e referem-se aos elementos que permitem aferir quais as percepções e motivações dos seniores mais determinantes da sua participação no projeto Conservatório Sénior. Para este estudo foi desenvolvido um questionário composto por questões com possibilidade de escolha múltipla, escalas de valor e questões abertas.

Todos os participantes no estudo (N=48) foram voluntários no preenchimento do questionário — 97,91% são aposentados, o que sublinha a procura desta população específica em se envolver de forma pró-ativa em projetos de valorização do envelhecer. Os resultados mostram que as profissões exercidas pelos participantes se concentram essencialmente no setor dos serviços (66,66%), e na indústria (6%), tendo a maioria adquirido formação superior. A prevalência de uma participação marcadamente feminina (79,16%) pode corroborar, entre outros aspetos, a forte incidência neste género das questões de ordem social, psicológica e familiar, inicialmente expostas. Estas questões são potencialmente acentuadas pelo facto de 29,16% dos participantes neste estudo, terem reportado viverem sozinhos, cerca de metade com o seu cônjuge 56,25%, 16,66% com os filhos e 6,25% em outras situações.

A maioria dos seniores teve conhecimento das atividades do Conservatório Sénior através do contacto com amigos e familiares mas também através dos meios de comunicação social e pelas várias reportagens televisivas e radiofónicas emitidas. Existe ainda a referência à publicidade realizada, à assistência de concertos realizados pelos 'protagonistas' do Coro Sénior, do seniores@piano e das danças tradicionais do mundo, bem como a participação nos passeios, concertos, visitas e festas dinamizadas por este projeto. A maioria dos seniores participantes neste estudo (68,5%), indicaram frequentar o Conservatório Sénior há mais de 2 anos. Destes, 60,41% referiram participar também noutras atividades em diferentes instituições, entre as quais o inglês e a ginástica. Como demonstra a figura 1, a média das idades dos seniores participantes no estudo, situa-se entre os 61 e 70 anos.

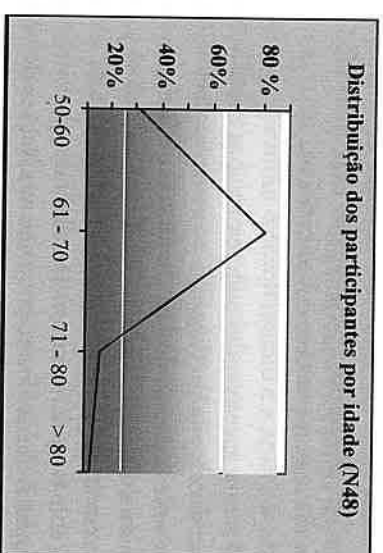


Figura 1 Distribuição dos participantes por idade.

Um pouco mais de metade dos seniores referiu não ter tido participações anteriores em atividades artísticas (56,25%). Dos que responderam afirmativamente, 12,5% referiram já ter participado num coro, e apenas 2% referiu ter aprendido a tocar um instrumento musical em criança, nomeadamente o piano. Os restantes 29,25% reportaram assistir regularmente a espetáculos e visitar exposições. Não foram encontradas correlações significativas entre a participação passada em atividades musicais e artísticas e o grau de importância atribuído à participação e aprendizagem da música e das artes na idade sénior. Os resultados acerca da importância da sua participação nas atividades do projeto e da existência de oportunidades de aprendizagem musical contextualizadas situaram-se nas categorias mais elevadas: 83,33%

- 'muito importante' e 16,67% - 'importante', próximos daqueles reportados por Coffman e Adamck (1999).

Na figura seguinte, expõem-se as frases que melhor exprimem o que tem sido mais importante para os seniores na sua experiência no Conservatório sénior:

37,5%	É importante continuar a aprender
33,33%	É bom viver com arte
22,9	Promove momentos de comunicação e interação em grupo
22,9	Promove a compreensão e apreciação musical
18,75%	É importante ter sempre novos objetivos na vida

Figura 2 Frases que exprimem a importância da participação dos seniores no Conservatório Sénior.

Os resultados acima apresentados sugerem que as motivações e percepções dos seniores acerca da sua participação no conservatório sénior assenta em motivações de ordem essencialmente intrínseca, ou seja, associadas ao significado individual que a música e as artes têm na vida de cada um destes protagonistas; em motivações de ordem social, nas quais a necessidade de momentos de convívio, de comunicação, de interação em grupo e de ocupação dos tempos livres se destacam; e em motivações de ordem cognitiva que englobam a importância atribuída à aprendizagem ao longo da vida e à necessidade reconhecida de estimular a memória e a atenção através de desafios mentais estimulantes.

O Conservatório Sénior, através da música e das artes, parece possibilitar e capacitar os seniores de modo a continuarem a controlar as suas vidas, a fazerem as suas escolhas, a sentirem prazer — na arte, para a arte e com a arte. Possibilita-lhe criarem novos interesses, novas redes sociais, novas comunidades, e possivelmente ficarem por mais tempo nas suas próprias comunidades, retardando e contribuindo para a preservação e restauração do capital social (Milhano, 2009b).

Das observações inseridas pelos seniores na questão de resposta aberta, destaca-se a seguinte: 'acho excelente promover este tipo de atividades para os seniores não se sentirem tão só'. Tal como refere Milhano (2009a), para estes protagonistas, o Conservatório Sénior possibilita uma outra forma de

viver, de socializar, uma outra forma de sentir e que se expressa no hino deste projeto cujo título é: 'A Arte de Viver. Viver com Arte'.

Em síntese

Neste texto, procurámos refletir sobre o modo como a música se pode constituir num veículo para a criação de vínculos sociais e para a coesão social. Apresentámos diferentes perspetivas que nos possibilitam compreender melhor os impactos que as atividades musicais podem desempenhar na vida dos seniores. Estes impactos foram enunciados pela referência a uma série de estudos, dos quais referimos aqui apenas uma breve seleção. Também a análise de vários paradigmas, não só sociais mas também científicos procuraram caracterizar, ainda que sumariamente, como a música faz cada vez mais parte integrante dessa mudança.

Foi referida uma nova valência — o Conservatório Sénior do Orfeão de Leiria — concebida para uma organização cultural do terceiro setor, contextualizada como uma nova forma de intervenção específica e de sociabilidade cuja dinâmica permitiu o envolvimento e a ação dos seniores dentro da sociedade civil através das artes. É neste contexto que o Conservatório Sénior se constituiu como um novo espaço de ação sociocultural, sustentado e fundamentado através de uma proposta de valorização do envelhecer com atividades e programação contextualizadas — um projeto educativo e formativo, centrado na participação, criação e valorização artística e cultural. A criação de um espaço de atividades artísticas em contexto de animação sociocultural pretendeu colaborar num projeto social e de saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos seniores e proflaxia para a solidão e o isolamento social. Permitiu proporcionar também um maior contacto entre as diferentes gerações, possibilitando aos seniores, que enfrentam o isolamento, voltar a entrar em contacto com outros e reconhecer de novo o seu próprio valor. Esta reflexão pretende também enunciar, por um lado, as inúmeras possibilidades de parcerias que configurem estas novas dinâmicas no desenvolvimento cultural e na participação social e, por outro, convocar a perspetiva democratizadora da arte.

Os resultados do estudo apresentado sugerem uma participação dos seniores assente em três tipologias motivacionais: motivações de ordem essencialmente intrínseca, associadas ao significado individual da música e das artes; motivações de ordem social, entre as quais a necessidade de momentos de convívio, de comunicação, de interação em grupo e de ocupação dos tempos livres; e motivações de ordem cognitiva, envolvendo a importância da

aprendizagem ao longo da vida e a necessidade de estimular a memória e a atenção através de desafios mentais estimulantes.

O envolvimento nos desafios intelectuais propostos parece ter significados individuais e também coletivos, criando oportunidades aos seniores de pertencerem e contribuírem como membros ativos de um grupo através de um convívio salutar, alegre e útil; porque saber usufruir destes momentos de interação social e das oportunidades de aprendizagem, expressão, envolvimento, participação e criação musical, cultural e de lazer, mantêm e criam interesses mais duradouros, colaborando para que a mente se mantenha ativa e saudável; porque é bom viver a vida com arte (Milhano, 2009a).

Referências Bibliográficas

- Ander-Egg, E. (1991). *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Buenos Aires: Editorial Humanitas.
- Blacking, J. (1973). *How Musical is Man?* Seattle: University of Washington Press.
- Cliff, S.M., & Hancock, G. (2001). The perceived benefits of singing: Findings from preliminary surveys of a university choral society. *Journal of the Royal Society for the Promotion of Health*, 121, 248-256.
- Coffman, D.D. (2002). Music and quality of life in older adults. *Psychosomatics*, 18, 76-88.
- Coffman, D. D. & Adamek, M. (1999). The contributions of wind band participation to quality of life of senior adults. *Music Therapy Perspectives*, 17, 27-31.
- Coffman, D. D. & Levy, K. (1998). Senior adult bands: Music's new horizon. *Music Educators Journal*, 84 (3), 17-22.
- Conda, J. M. (1997). The late bloomers piano club: A case study of a group in progress (Doctoral dissertation, University of Oklahoma, 1997). *Dissertation Abstract International*, 58, 409A.
- Darrow, A. A., Johnson, C. M., & Ollenberger, T. (1994). The effects of participation in an intergenerational choir on teens and older persons' cross-age attitudes. *Journal of Music Therapy*, 31, 119-134.
- Ernst, R. E., & Emmons, S. (1992). New horizons for senior adults. *Music Educators Journal*, 79(4), 30-34.
- Frego, R. J. (1995). Uniting the generations with music programs. *Music Educators Journal*, 79(4), 30-34.
- Gillet, J.-C. (2008). *Des animateurs parlent. Militanse, technique, médiation*. Éd. L'Harmattan, Coll. Animation et territoires, Paris.
- Hargreaves, D. J. & North, A. C. (1999). The functions of music in everyday life: redefining the social in music psychology. *Psychology of Music*, 27, 71-83.
- Hargreaves, D. J., Miell, D. E., MacDonald, R.A.R. (2002). What are musical identities, and why are they important? In R.A.R. MacDonald, D. J. Hargreaves, D. E. Miell (eds.), *Musical Identities* (p.1-20). Oxford: Oxford University Press.
- Leão, E R, Flusser V. (2007). Música para idosos institucionalizados: percepção dos músicos atuantes. *Revista Escola Enfermagem, USP 2008*, 42 (1):73-80.
- Levin, D. (2006). *This Is Your Brain on Music*. New York: Dutton.
- Milhano, S, & Laborda, J. M. G. (2001). *Contributos para o estudo da aptidão musical*. Universidade de Salamanca.
- Milhano, S (2008). *Seniors and music – methodological issues in music teaching*. ICERI 2008 Abstract CD ISBN: 978-84-612-5367-8
- Milhano, S. (2009a). A Arte de Viver. Viver com Arte. In *Atas do X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Universidade do Minho. Milhano, S. (2009b). A Música e os Seniores. *Revista Sinfonia Virtual – Arte e Cultura*, Madrid, 12.
- Milhano, S. (2010a). Senior Conservatoire - empowerment and capacity building through Music. *2nd World Conference on Arts Education*. Government of Republic of Korea. UNESCO.
- Milhano, S. (2010b). Aprendizagem assistida – da inovação tecnológica aos novos modos de integração da interação pedagógica. *Revista Portuguesa de Educação Musical*. Nº134 – janeiro a junho 2010
- Milhano, S. (2010c). A música e as artes na valorização do envelhecer. In *Atas do 1.º Seminário Internacional "Dança na Maturidade"*. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Mortricidade Humana, Instituto de Etnomusicologia. Lisboa.
- Milhano, S. (2010d). *A Prática Musical: Educação e Identidade*. In Oliveira, L., Milhano, S. *As Artes na Educação – Contextos Promotores de Criatividade*. Folheto Edições & Design, CHID/IPL, Leiria.
- Mithen, S. (2005). *The Singing Neanderthals: The Origins of Music, Language, Mind, and Body*. London: Phoenix.
- Nettl, B. (2000). An Ethnomusicologist contemplates Musical Universals. In Wallin, N., Merker, B. & Brown, S. (Eds.). *The Origins of Music* (pp.463-472). Cambridge MA: MIT Press.
- North, A. C. & Hargreaves, D. J. (1997). Liking, arousal potential, and the emotions expressed by music. *Scandinavian Journal of psychology*, 38, 45-53.

- North, A. C. & Hargreaves, D. J. (2008). *The Social and Applied Psychology of Music*. Oxford: Oxford University Press.
- Pacheco, L. & Milhano, S. (2007). Learning to be...singing: A choral music education programme. In Williamson, A. Coimbra, D. (eds.), *Proceedings of the International Symposium on Performance Science 2007*. Porto: Associação Européenne des Conservatoires, Académies de Musique et Musikhochschulen (AEC).
- Palmer, M. (1989). Music therapy in gerontology: A review and projection. *Music Therapy Perspectives*, 6, 2-66.
- Pascual-Leone, A. (2003). The brain that makes music and is changed by it. In Peretz, I. and Zatorre, R. (eds.), *The Cognitive Neuroscience of Music* (pp. 396-409). Oxford: Oxford University Press.
- Patel, A. D. (2006). Music rhythm, linguistic rhythm, and human evolution. *Music Perception*, 24, 1, 99-104.
- Patel, A. D. (2008). *Music, Language, and the Brain*. New York: Oxford University Press.
- Senate Hearings (1992). Forever young: Music and aging. Hearing before the Senate Special Committee on Aging. United States Senate. August 1, 1991. *Selected testimony, Music Therapy Perspectives*, 10(1), 45-61.
- Trevarthen, C. (2002). Origins of musical identity: evidence from infancy for musical social awareness. In R. A. R. MacDonald, D. J. Hargreaves, and D. E. Miell, D. E. (eds.), *Musical identities*, Oxford: Oxford University Press, 21-38.

Dos modelos de desenvolvimento local aos projetos de animação cultural: conceitos, dimensões e desafios

Domingos Santos
Professor Adjunto
da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Resumo

Entender os processos de desenvolvimento local implica identificar a diversidade de situações e potencialidades que se podem associar às iniciativas de raiz local. Nesse sentido, serão analisados os modelos territorialista e funcionalista de desenvolvimento local, tipificando as diferentes dimensões que caracterizam cada um desses paradigmas de desenvolvimento territorial e apontando as relações existentes com os modelos de intervenção cultural. Argumenta-se, seguidamente, que os projetos de animação cultural devem revestir um claro figurino territorialista, ou endógeno, porque só assim poderão constituir-se como verdadeiros instrumentos de valorização dos ativos locais e de qualificação das comunidades. Finalmente serão apontados alguns desafios críticos a que um projeto de animação cultural precisa responder, bem como as principais características que lhe devem transmitir forma e conteúdo.

Palavras-chave animação cultural, cultura, património, projeto, desenvolvimento territorialista, desenvolvimento local.